

v. 5 n.2 (2022) p. 120 - 137

Digital Object Identifier (DOI): 10.38087/2595.8801.159

O MOVIMENTO ECUMÊNICO: OBJETIVOS E DESAFIOS ATUAIS NESTA NOVA CONFIGURAÇÃO DE IGREJAS

Cláudio Augusto Adão¹

Stephan U. Breu²

RESUMO

Este artigo tem como proposta analisar de forma sucinta o movimento ecumênico, sua origem, e os seus objetivos e desafios atuais nesta nova configuração de igrejas, seu poder de globalização, sua proposta de união das igrejas e o conceito de liberdade religiosa neste contexto. Para melhor compreensão dessa discussão é necessário responder as seguintes perguntas: O que é movimento ecumênico? Como surgiu? Quais os objetivos deste movimento? Quais são os desafios atuais nessa nova configuração de igrejas? No contexto da liberdade religiosa, como distinguir o seu conceito? Para tal a metodologia de pesquisa utilizada é a da referência bibliográfica, a qual baseia-se na comparação dos pensamentos de vários autores, tais como: ARAUJO (2010), BEATO (2018), BIZON (2017), COUTO (2010), CUNHA (2010), DIAS (1998), DIAS (2004), DIAS (2004), GASSMAN (1996), GOMES (2003), GOODAL (1970), JUNIOR (2008), PINHO (1997), RODRIGUEZ (2003), RAISER (1994), SILVA & ROSSI (2005), WOLF (2020), WOLF (2002), que por meio de informações que foram levantadas sobre seus escritos em livros, sites, revistas e artigos, comparados e analisados. Tem como propósito apresentar ao leitor maior clareza, a fim de compreender o quais as pretensões desse movimento religioso.

¹ Mestrando em Ciências da Religião, pela Unilogos. Pastor Missionário em Angola e professor da Igreja Adventista do Sétimo Dia. E-mail: pastor_claudioadao@hotmail.com

² BBA, MBA, DBA, HonBD, HonEdD, President of Johann Heinrich Pestalozzi Christian University, Miami, Florida, USA, Academician/Full Member PANUVIS - Orthodox Academy of Sciences, Arts, Skill and Innovations of Serbia, Belgrade, Member of the Council for the coordination of International and Innovation Activities, Kutafin Moscow State Law University (MSAL), Moscow, Member Scientific Board, ProDeo International University, San Gwann, Malta. Professor UniLogos®

Palavras-chaves: Movimento. Ecumênico. Objetivos. Desafios.

ABSTRACT

This article proposes to briefly analyze the ecumenical movement, its origin, and its current goals and challenges in this new configuration of churches, its power of globalization, its proposal to unite churches and the concept of religious freedom in this context. For a better understanding of this discussion, it is necessary to answer the following questions: What is an ecumenical movement? How did it come about? What are the goals of this movement? What are the current challenges in this new configuration of churches? In the context of religious freedom, how to distinguish its concept? For this, the research methodology used is the bibliographic reference, which is based on the comparison of the thoughts of several authors, such as: ARAUJO (2010), BEATO (2018), BIZON (2017), COUTO (2010), CUNHA (2010), DIAS (1998), DIAS (2004), DIAS (2004), GASSMAN (1996), GOMES (2003), GOODAL (1970), JUNIOR (2008), PINHO (1997), RODRIGUEZ (2003), RAISER (1994), SILVA & ROSSI (2005), WOLF (2020), WOLF (2002), which through information that were collected about their writings in books, websites, magazines and articles, compared and analyzed. Its purpose is to present the reader with greater clarity, to understand what the intentions of this religious movement are.

Keywords: Movement. Ecumenical. Goals. Challenges.

1 INTRODUÇÃO

A proposta desse artigo é analisar de forma sucinta o movimento ecumênico e seus objetivos e desafios atuais nesta nova configuração de igrejas, seu poder de globalização, sua proposta de a união entre as igrejas, e o conceito de liberdade religiosa neste contexto.

Para melhor compreensão dessa discussão é necessário responder as seguintes perguntas: O que é movimento ecumênico? Como surgiu ? Quais os objetivos desse movimento? Quais são os seus desafios atuais nesta nova configuração de igrejas ? No contexto da liberdade religiosa, como distinguir o seu conceito?

Como metodologia de pesquisa utilizada é o da referência bibliográfica, a qual baseia-se na comparação dos pensamentos de vários autores, que por meio de Informações que foram levantadas sobre seus escritos em livros, sites, revistas e

artigos, comparados e analisados. A fim de que o leitor possa apresentar com mais clareza, as pretensões deste movimento religioso.

2 O QUE É MOVIMENTO ECUMÊNICO?

Para uma melhor compreensão da discussão proposta percebe-se ser necessário entender o que é o movimento ecumênico. Segundo o Dicionário Escolar da Língua Portuguesa (2008), “corrente de pensamento que preconiza a união de todas as igrejas cristãs”. É um movimento que reconhece e respeita a diversidade entre as igrejas, que pretende reunir e incluir até as igrejas não cristãs e convive e dialoga com diferentes religiões.

Em sentido generalizado como descreve SOUZA & ROSSI (2005), “algo universal que se estende por todo mundo”, cujo o significado é também o lugar onde vive, casa, lugar onde acontece a vida doméstica. Dá a entender com sentido de atitude. No sentido religioso, refere-se a atitude de colaboração entre as igrejas, o respeitar as suas diferenças na profissão de cada fé. Atitude de acolhimento, mesmo sendo de outra fé. Atitude de amor.

O termo ecumenismo, teve vários significados ao longo de sua história, e na história do cristianismo da mesma forma, e foi interpretado de várias formas.

De acordo com BEATO (2018),

A palavra «ecumenismo» nem sempre foi utilizada no mesmo contexto e por isso não quis traduzir sempre o mesmo sentido, chegando a ter diferentes acentuações ao longo da história do Cristianismo. A palavra tem como raiz o termo grego oikos, que quer dizer: casa, aldeia, habitação. Assim, na sua origem, a palavra oikouméne quer significar a «terra habitada», o «mundo conhecido e civilizado», o «universo». Segundo o testemunho antigo dos Padres da Igreja, oikouméne dizia respeito à «Igreja Universal»

Na perspetiva do tempo, o termo ecumenismo, apesar de ter vários significados, acabou sendo mais conhecido no sentido religioso, e no século XX, ganha uma nova interpretação, que vem a designar as relações entre os cristãos divididos, expressando a intenção de diálogo, reconciliação, procurando alcançar unidade.

Como se faz notar PINHO (1997):

É a partir desta altura que a palavra «ecumenismo» se vai referir

precisamente às relações e iniciativas de diálogo entre os cristãos em ordem à unidade cristã, desejando assim derrubar barreiras e superar divergências a nível da compreensão e da vivência da fé.

Com toda essa dinâmica do termo, observa-se a evolução do sentido, ou do significado da palavra ao longo dos séculos, um percurso realizado por cristãos por muito tempo, baseado na tomada de decisões e na consolidação do mesmo.

Portanto ecumenismo, é termo de conotação eclesiológica, tem o sentido de reintegração da unidade, designa o empenho de reunir os féis, todos em torno de cristo. Isto também indica que o termo acaba englobando o que é comumente chamado de diálogo inter-religioso, deixando assim de ser uma exclusividade de uma só igreja, tendo em vista a unidade da humanidade.

Entretanto, o termo não se limita a preservação da boa vizinhança ou a cooperação em assuntos em comum, mas tem como propósito expressar o fim de conflitos, substituindo confrontos por encontros. Dentro do significado religioso que o termo foi se aprofundando reflete o sentido do reconhecimento da diversidade e da afirmação do respeito com o outro.

O Termo ecumenismo, hoje já transformou se em um conceito muito mais amplo e sofisticado, nessa nova geração, pois é um conceito muito dinâmico.

Como afirma WOLF (2020, p.2)

O conceito “ecumenismo” recebe diferentes compreensões conforme o uso que dele é feito por diferentes sujeitos em diferentes tempos e situações. Mas indica sempre a comunhão de cosmovisões, opções, interesses, estilos de vida, com sentido econômico, político, cultural, ético e religioso.

Em um contexto moderno, o ecumenismo se destaca com uma perspectiva cristã, a que mais se desenvolveu , significando a aproximação, tendo como pano de fundo a busca da unidade da igreja de Cristo, convivendo com uma diversidade de formas de pensar de um mundo globalizado, onde tudo se relaciona.

2.1 SUA ORIGEM

Com base nos estudos de DIAS (1998, p.133) O movimento ecumênico teve sua origem entre as igrejas protestantes, contudo alcançaram a participação de outras denominações que não eram protestantes, contando enfim com a inclusão da igreja católica e da ortodoxa no meados do século XIX.

Segundo WOLF (2002, p.76), o ponto de partida é 1903, com a fundação da aliança evangélica. E essa aliança perdurou até 1960, mantendo a prática de participar somente denominações protestantes.

Porém deu início a uma segunda fase desse movimento, marcados por encontros entre católicos e protestantes. Especialmente após o II Concílio do Vaticano entre 1962 e 1965. Passando assim a ser formado o Conselho Mundial de Igrejas. Tendo nessa nova configuração a Igreja Católica como a participante e cooperadora desse movimento em todo o mundo.

O que chama a atenção na origem do movimento ecumênico, é que foi no campo missionário que tudo começou. Em um ambiente de missões, ao enfrentarem grandes desafios, missionários de diferentes denominações protestantes começaram a se reunir para buscar juntos o mínimo de unidade de propósitos.

Uma conferência missionária foi realizada em Nova York por volta de 1900 que ficou conhecida como conferência ecumênica, que tinha como propósito evangelizar o mundo, contudo não foram convidadas as igreja ortodoxas e nem a católica, com o resultado dessa conferência nasceu o conselho Missionário Internacional em 1921.

De acordo com GOODALL (1970), Willian Carey é o pai do movimento ecumênico:

O Pai do movimento ecumênico foi o missionário batista inglês, Willian Carey, que para difundir suas idéias convocou em 1806 uma reunião com todos os cristãos no Cabo da Boa esperança, aproximadamente para os anos de 1810, que seria seguida de reuniões semelhantes a cada 10 anos. Carey fez esta sugestão numa carta a seu amigo Andrew Fuller, secretário da Sociedade Missionária Batista. Mas Fuller não viu a idéia com entusiasmo. "Isso não passa de um dos agradáveis sonhos do irmão Carey, escreveu.

De início houve muita resistência ao sonho de Carey. Por isso somente na metade do século XIX que as diferentes correntes religiosas começaram a se unir.

Segundo GOMES (2003), o ecumenismo tomou forma e força logo após a reforma protestante, que foi a divisão da igreja até então existente. Uma nova unidade entre as igrejas, essa tem sido a luta do ecumenismo, fato que tem levado vários a criação de diversos modelos de unidade, porém nenhum até agora tem resistido as oposições.

Em harmonia com os estudos feitos por BIZON (2017, p.2), afirma que

“desde o Concílio do Vaticano II, a igreja romana vem, incansavelmente insistindo sobre a importância de compreendermos e de praticarmos a Unidade tão desejada por Jesus.”. Com efeito esse movimento tem conseguido ao longo dos anos a filiação de várias igrejas que coadunam com as suas propostas e projetos.

Para alcançar mais denominações filiadas esse movimento tem se tornado mais eclesial, debatendo os problemas sociais, e buscando soluções, de como melhorar as condições de vida dos mais pobres e oprimidos. Saindo mais do plano teológico para as ações, em práticas mais comuns em favor da paz, do meio ambiente, e da pobreza e dos menos desfavorecidos

De acordo com COUTO (2010, p.5), a partir dessa iniciativa na luta pelos direitos humanos e melhora da sociedade menos favorecida, o movimento consegue alcançar na América Latina a abertura de mais diálogo entre as Igrejas Cristãs, afro-brasileiras e indígenas, em especial nos projetos sociais.

O início dessa iniciativa se deu nos meados de 1980. Mesmo assim não se tornou um movimento popular, a abertura para diálogo foi muito lenta.

A exemplo da Europa e da América, no Brasil, o impulso do movimento ecumênico veio por meio de igrejas protestantes, dessa forma criou-se a aliança Evangélica do Brasil, a qual abriu as portas para por fim se filiarem ao Conselho Mundial de igrejas.

A aceitação da organização desse movimento foi imediata, porém a adesão das igrejas brasileiras e latino-americanas foi um processo muito lento. Algumas denominações foram hostis a esse movimento, pois acreditavam que esse movimento era uma estratégia da igreja católica, para fazerem os protestantes perderem sua identidade.

Porém houve adesões imediatas, conforme COUTO (2010, p.3):

Houve adesões imediatas, como a da Igreja Metodista e outras mais tarde, como a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (1950), Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (1966), a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo (1968). A Igreja Presbiteriana, apesar da atitude ecumênica de muitos dos seus membros e de ter enviado representantes à Assembléia de Amsterdã, não houve filiação.

Apesar de algumas instituições e igrejas não estarem diretamente vinculadas ao Conselho Mundial de Igrejas, não impediu que enviassem representantes, levassem idéias e propostas ao Conselho.

No Brasil, o esforço do conselho mundial, somado a nova postura da Igreja Católica, procurou-se criar um novo espaço para discussão, por meio de vários encontros, que foram realizados com vários dirigentes nacionais de igrejas cristãs, que enfim criou-se o CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs), fundado em 1982. Se tornando assim o órgão máximo na busca de unidade das igrejas do país.

Com a criação do CONIC, uma nova fase do movimento ecumênico se inicia no Brasil.

2.2 OBJETIVOS.

Desde sua origem o movimento ecumênico intenciona permanecer guiado por suas principais metas, procurando alcançar os seus objetivos, que foram se adaptando diante das novas configurações e mudanças no decorrer das décadas, porém a sua filosofia básica inicial não mudou.

Desde os pioneiros protestantes no campo missionário os quais buscavam o diálogo, a cooperação mútua e coerente com o testemunho da mensagem do evangelho, a confirmação do cristianismo prático, com o valor da unidade cristã no serviço pela paz e pela vida, acima de qualquer divisão doutrinária. Bem com os esforços pelo diálogo teológico, ao encontro de bases doutrinárias comuns entre os cristãos, e compreensão das que promovem divisão.

Este aspecto também é comentado por CUNHA (2010, p.35)

Havia um eixo comum em todos estes esforços e frentes, que os configurava num movimento único: a busca de renovação na vida das Igrejas, enfatizando a necessidade de superação das divisões que marcam sua história para a realização da unidade do corpo de Cristo, com toda a sua diversidade.

Percebe-se que o movimento procura uma configuração única, busca renovar a vida das igrejas, enfatizar a necessidade de superar as divisões, e enfrentar os desafios, que parecem ser intransponíveis.

Por ser um movimento dinâmico e diversificado, dá-se a entender que os seus objetivos vão se adaptando ao contexto necessário.

Cabe citar GASSMANN (1996), sobre os alvos do movimento ecumênico contemporâneo:

2.2.1. Conservação: conservar o que já foi alcançado ecumenicamente ao

longo de décadas em termos de mudanças de consciência entre os cristãos e de nova relações entre as igrejas e confissões religiosas.

2.2.2. Aprofundamento: o que foi alcançado precisa ser aprofundado, precisa ser aceito pelos membros do movimento de modo mais sólido. É necessário uma conscientização ecumênica mais acentuada nas comunidades e nas igrejas envolvidas nesse processo.

2.2.3. Ampliação: o que já foi alcançado ecumenicamente precisa ser ampliado, novas igrejas e movimentos religiosos que não foram ainda incluídos, precisam ser convidados para dialogar, reconhecidos como: “territórios inexplorados”, que existem em todas as partes. É necessário promover relações, as quais deveriam ser estabelecidas e intensificadas em toda parte.

2.2.4. Tarefas Teológicas: manifestação da unidade visível das igrejas na fé, no testemunho e no serviço. Serem instrumentos eficazes da reconciliação no mundo.

2.2.5. Igreja como Koinonia: igreja em comunhão. Um aclarado diálogo ecumênico, sobre a compreensão da essência da missão, e da unidade, da partilha, de participação, das comunidades sem qualquer espécie de discriminação, que se estende em toda a sua diversidade, através de seus serviço, e testemunho a todas as pessoas.

2.2.6. Igrejas e o futuro da humanidade: que as igrejas possam em nível mundial mobilizar e reunir forças intelectuais e espirituais que contribuam para que sujam nas sociedades novos sentidos, novos valores e novas orientações que são necessários para que a solidariedade, a renúncia, a partilha, a esperança, voltem a crescer nas pessoas.

Seria uma tarefa importante para o movimento ecumênico que as igrejas-membros do Conselho Mundial de Igrejas, junto a Igreja Católica Romana e as igrejas e movimentos evangélicos e carismáticos/pentecostais, pudessem desenvolver tais valores fundamentais e objetivos comuns.

Com isso os cristãos e suas igrejas estariam em condições de agir como

uma força encorajadora, transformadora e reconciliadora de importância histórica mundial em meio às aflições, conflitos e preocupações deste mundo.

2.3 OS DESAFIOS ATUAIS.

Diante dessa nova configuração de igrejas, em um contexto moderno e evolutivo com rápidas mudanças, pela qual freneticamente tem surgido novos movimentos religiosos e seitas a cada dia, mais variadas e diferente uma das outras, o movimento ecumênico se depara diante de grandes e diversos desafios, afim de manter a sua proposta original e os seus objetivos em pauta, é necessário indentificar alguns desses grandes desafios e repensar novas estratégias para se adaptar a essa nova realidade do século XXI.

Segundo o pensamento de RAISER (1994)

os novos desafios que confrontam o movimento ecumênico é fruto de um mundo em transição, em que muitas das velhas certezas não se sustentam mais. Esse ministério genuinamente ecumênico tomou-se muito difícil hoje. Não há critérios claros que pudessem orientar uma análise global. Há incerteza e até confusão disseminadas, o que é indicação de um processo de profunda transformação social e cultural. Por um lado, testemunhamos o surgimento de um sistema global cada vez mais dominante moldado por imperativos econômicos, tecnológicos e comunicacionais. Por outro lado, há o processo de crescente fragmentação cultural, étnica, social e até religiosa, acarretando muitas vezes um aumento da violência. Essas ambigüidades se refletem em todas as esferas e em todos os níveis da vida:

É neste contexto no qual os valores são diferentes, os princípios distorcidos mesmo em igrejas e movimentos religiosos, ficou deveras difíci fazer uma análise global das religiões. A incerteza e até confusões são disseminadas, indicando que em breve haverá profundas transformações sociais e culturais.

Nesse cenário de confusão global religiosa, o movimento ecumênico procura desempenhar seu papel, porém para fazer a diferença nessa geração é necessário entender como conviver e manter o seu objetivo.

Para tal situação se organizou o CMI (Conselho Mundial de Igrejas), que como órgão instituído pelas igrejas tem sido sensível aos sinais dos tempos, tentando oferecer as igrejas e ao movimento ecumênico uma interpretação da situação mundial e suas implicações para o testemunho das igrejas.

De acorco com RAISER (1994), os desafios de hoje para as igrejas e para o movimento ecumênico é:

2.3.1. Testemunhar a fé em uma situação de pluralismo religioso e cultural.

Com avanço da pluralidade religiosa e do surgimento de inúmeros grupos e movimentos religiosos, tornou-se um grande desafio testemunhar e evangelizar, em um mundo globalizado e dividido, com filosofias diversas e divergentes.

2.3.2 Transformar uma tradicional atitude exclusivista para com outras religiões e culturas numa praxis de diálogo e cooperação.

Promover uma transformação da atitude exclusivista, para uma atitude sem preconceito e envolvendo diversidades.

2.3.3 A pluralidade religiosa e cultural. É o fenômeno da sociedade que desafia o ser humano à viver de forma respeitosa com o diferente. É um novo paradigma que abre o braço às diversas como visões religiosas, que por meio do diálogo e alteridade busca o entendimento, a paz e a tolerância entre indivíduos.

O pluralismo religioso é a manifestação da religiosidade do ser humano, que está em busca de sentido para viver.

Para PANASIEWCZ (2010, p.113):

A religião é a busca de construir um mundo com sentido transcendental independente do sentido dado pela racionalidade. Ela brota de onde emergem os desejos, as fantasias, os sonhos e as utopias. Ela é a expressão da religiosidade do ser humano.

A pluralidade religiosa se tornou um novo paradigma social que corrobora os preceitos da liberdade humana e a necessidade espiritual ao homem moderno.

2.3.4 A Superação das divisões doutrinárias entre as igrejas e movimentos

e seitas nascentes. As divisões doutrinárias é outro difícil desafio, devido a inúmeros movimentos que surgem com novos pontos doutrinários diferentes e complexos, com interpretações particulares, que são únicos e muitas vezes individuais, isso torna complicada a tarefa de encontrar pontos semelhantes entre as igrejas e esses novos movimentos que surgem, para que possam ser trabalhados e derimir as diferenças entre esses movimentos religiosos e o movimento ecumênico.

2.3.5 A Realidade Global. A globalização é um fenômeno que tem forçado muitos a lidarem com a pluralidade religiosa e cultural, com religiões que só se conheciam por meio de livros e revistas ou reportagem de tvs. Devido ao rápido crescimento e propagação de novas seitas e religiões diferentes, que estão bem mais próximos de nós do que antes, até podem habitar na mesma rua diversas delas.

Desse contato agora inevitável, surge o contato inter-religioso mais intenso, preparando o caminho para o movimento religioso se fortalecer.

2.3.6 Requer novas metodologias e formas de institucionalização. De um modo especial o movimento ecumênico tem se desenvolvido em conjunto por meio de estudos, pesquisas e de novas metodologias, a fim de manter as suas metas em foco, e formas de institucionalizar a proposta de unir as igrejas. Por fim promover a paz entre os povos e entre as crenças, não permitindo que se tornem fontes de conflitos entre os homens.

Com o desenvolvimento da tecnologia e a ciência, o movimento tem diante de si oportunidade de usar os meios de comunicação e as redes sociais para promover a consciência do religioso sem o preconceito e abrir diante das pessoas a oportunidade da pluralidade sem a divisão. Requer hoje mais organização nas ações do movimento e divulgação de suas propostas e dos projetos que procura implantar de modo mais globalizado. Técnicas de marketing, uso dos meios de comunicação, uso das redes sociais, páginas da WEB, entre muitas outras que no decorrer do tempo podem sim se adotadas pois o movimento é dinâmico e precisa se atualizar mais com o mundo religioso e com o mundo socio-econômico.

2.3.7 A difusão da cultura tecnológica. O movimento tem hoje a oportunidade de unir os membros, promovendo as facilidades que a tecnologia nos oferece, como comunicação rápida e segura, reuniões em on line, produção de material e distribuição via on line, palestras e encontros de forma representativa de forma remota. Com custo muito menor e mais eficiência e rapidez, diminuindo o tempo e a distância desses encontros. O uso e a difusão também alcançará as igrejas filiadas e por fim alcançará a todos os cristãos.

2.3.8 Profunda transição social. No início do movimento ecumênico, na segunda metade do século XIX, os esforços de unidade centralizavam-se em três pilares: missão, ação social e doutrina. O conselho Mundial era eminentemente protestante, anglicano e ortodoxo. Gradualmente o tema da responsabilidade social foi tomando atenção, a igreja passou a pautar discussões sobre esse tema em discussões nos encontros. Devido a mudanças históricas no mundo social, como a II guerra mundial, a guerra fria e a bomba atômica, as igrejas e o movimento tiveram que passar por uma profunda transição social, de forma que os conceitos sobre missão, ação social e doutrina, sofreram uma nova significação, passando a incluir, além da pregação da palavra de Deus, e da doutrina, adotou-se uma dimensão muito mais ampla de transformação social.

Segundo JUNIOR (2008),

Um dos antecedentes importantes do tipo de pensamento que se conformou entre os ecumênicos foi o movimento estadunidense conhecido como Evangelho social, que teve em Walter Rauschenbusch (1861-1918) seu maior expoente. Diante de uma tendência francamente individualista do protestantismo, o Evangelho social voltava sua atenção sobre os aspectos corporativos da sociedade moderna e sobre a necessidade de justiça social.

Tanto o mal social, como o bem social são coletivos, e os cristãos fazem parte de dessa coletividade, e esses são chamados a reconstrução da sociedade, como parte de sua obediência a Deus.

3. O MOVIMENTO ECUMÊNICO E O CONCEITO DA LIBERDADE RELIGIOSA

Em uma sociedade globalizada, numa pluralidade de religiões e novos movimentos, como distinguir, identificar, a liberdade religiosa no movimento ecumênico?

Para PINHO(1997), “ a questão da liberdade está no cerne da preocupação ecumênica, e o progresso do movimento ecumênico tem sido, de fato, um dos elementos determinantes do direito a liberdade religiosa”. Há dentro desse conceito duas vertentes: a relação estreita em liberdade religiosa e o ecumenismo e a perspectiva voltada a tarefas do futuro com relação ao respeito a cooperação integral das igrejas.

Essa é uma questão sensível e complicada, tentar harmonizar o conceito do

bem comum, com o direito individual. A liberdade religiosa é o reconhecimento do direito, baseado na dignidade da pessoa humana (direito individual), ao exercício privado ou público, individual e comunitário da religião. Considerado por muitos a pedra de toque do diálogo inter-religioso.

Por um lado o movimento ecumênico procura unir as igrejas, e por outro lado tem que aceitar a liberdade de quem não deseja unir-se. A força do movimento está na liberdade em que os religiosos e líderes podem decidir até onde aceitam as propostas e até onde são livres para rejeitar.

Portanto ainda não existe uma definição clara, pois esses dois paradigmas estão a se encontrar a todo o momento, pois realmente existe uma diferença crucial entre liberdade religiosa que preza pela diversidade, e o ecumenismo que emprega esforços em favor de um pensamento único.

É evidente que o movimento ecumênico tem muitos pontos positivos, de acordo com ARAUJO (2010, p.89), “um dos pontos positivos do ecumenismo, é a possibilidade que se tem de compartilhar sua mensagem com líderes de outras denominações”. Contato com a teologia de outras e religiões e conhecer as diversidades de interpretação e opiniões diferentes.

Para alguns seguimentos religiosos é uma oportunidade para compartilhar suas crenças sem preconceitos dos que a recebem e ouvem. É a oportunidade de apresentar as posições de cada um a fim de que saibam quais as diferenças e destaques de cada religião.

Fica claro que entrar em diálogo como proposto pelo movimento ecumênico, com outros movimentos religiosos, ou outros cristãos, inevitavelmente surgirá confrontos, e divisão de idéias. Evidentemente que as idéias dependendo da forma que foram expostas, podem ser postas não para ameaçar mas sim unificar.

Com tais encontros podem-se conhecer melhor, desenvolver amizades, e diminuir os preconceitos, travar diálogos, trocas de informações, derrubar barreiras erguidas anteriormente levantadas em cima de falsos pressupostos, assim dando oportunidade para uma nova compreensão das crenças de cada um, com um diálogo mais proveitoso.

Como destaca RODRIGUEZ (2003), É exatamente o propósito do movimento ecumênico, criar oportunidade de diálogo, em um ambiente no qual se esteja disposto a ouvir um ao outro, em espírito de amor e cordialidade cristã.

O direito à liberdade religiosa é um direito de toda a pessoa humana, sem qualquer distinção ou exclusão; é um direito universal inato na sua dignidade, no cidadão da sociedade civil; fundamenta-se na dignidade pessoal de cada pessoa, elementos esses que estão presentes em cada um, seja qual for a circunstância histórica e cultural. A liberdade deriva do direito inviolável de obedecer à própria consciência, o que supõe a liberdade de consciência e de pensamento.

Portanto a filosofia do movimento ecumênico se harmoniza em igual ao da liberdade religiosa, no propósito e não nas diferenças. A união que busca no movimento é união do que pode ser unido, os pontos comuns podem ser celebrados juntos, e as diferenças não se misturam.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento ecumênico, apesar de sua dinâmica, devido as rápidas mudanças sociais, econômicas e políticas do mundo atual, necessita cada dia de mais investimentos por parte das igrejas, e dos cristãos. Corre sempre risco de fracionamento, hoje exige complementariedade das iniciativas, aprendizagem e cooperação de todos. Fica claro que é ilusão crer que haverá uma adesão total e rápida do mundo religioso a favor dessa unidade. Porém a unidade autêntica não é resultado de ações impositivas que obriguem as denominações a renunciarem a sua identidade. Precisa de tempo, e de espaço para crescer.

A cooperação ecumênica não necessita do pleno consenso doutrinal, mas elementos comuns, são estes que devem ser priorizados, não os que dividem. Para o movimento ecumênico unidade não é apenas uma meta, também é o prioridade do esforço desse movimento. Este implica num processo de interação em que a identidade vai se moldando, a convivência transforma, e isso requer esforço dos envolvidos no movimento.

Concluimos que o movimento ecumênico é um importante instrumento para a unidade dos cristãos. Os cristãos sentem a necessidade de superar a divisão, e apesar da dinâmica própria, tem necessidade de investimentos por parte das igrejas e dos cristãos. Por falta disso sofre constante ameaças de fracionamento.

Há uma urgência diante da situação em que se vive, pois para os cristãos a divisão é luxo, escândalo e tragédia. Seja o desafio da miséria, seja o desafio

dos novos movimentos religiosos, seja a ciência, seja a tecnologia, a ecologia, o secularismo e a globalização, ou qualquer outro fenômeno da atualidade, os cristãos em conjunto são chamados a reagir, e devem ser solidários com todas as demais pessoas que sofrem e gemem sob o mal, juntando-se no combate contra a injustiça e ao sofrimento.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Glauber Souza. **A Igreja Adventista do Sétimo Dia e o Ecumenismo**. São Paulo – SP. Ata Científica – Ciências Humanas. v.2, n. 19, p.89, 2º Semestre de 2010. Disponível no site: <https://revistas.unasp.edu.br/acch/article/view/10/10> Acesso no dia 18 de Julho de 2022

BEATO, André Felipe Gomes. **A Igreja Católica e o Movimento Ecumênico: da Conferência de Edimburgo ao II Concílio Vaticano. (1910- 1965)**. Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Teologia. Lisboa. 2018. Disponível no site: [Veritati - Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa: A Igreja Católica e o Movimento Ecumênico : da Conferência de Edimburgo ao II Concílio do Vaticano : 1910-1965 \(ucp.pt\)](http://www.veritati.ucp.pt/pt/revista-de-teologia/veritati-repositorio-institucional-da-universidade-catolica-portuguesa-a-igreja-catolica-e-o-movimento-ecumenico-da-conferencia-de-edimburgo-ao-ii-concilio-do-vaticano-1910-1965) Acesso no dia 05 de Julho de 2022.

BIZON, José. **A Questão Ecumênica Hoje**. 2017. Disponível no site: <http://www.missilogia.org.br/wpcontent/uploads/2017/11/51Aquestaoecumenica-2017.pdf> Acesso no dia 12 de abril de 2022.

COUTO, Edilece Souza. **Ecumenismo de Serviço**. Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador – Bahia. 2010. p.1, 5. disponível no site: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINO_RELIGIOSO/artigos/7ecumenismo.pdf Acesso no dia 12 de abril de 2022.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Pentecostalismo e o movimento ecumênico: divergências e aproximações**. Estudos de religião, ISSN 0103-801X, Vol. 24, Nº. 40, 2010, p. 35. Disponível no site: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6265583> Acesso no dia 05 de Julho de 2022.

DIAS, Zwinglio M. **O Movimento Ecumenico: História e significado**. Numen, revista de estudos e pesquisa de religião, Juiz de Fora. MG. 1998, v.1. n.1, p.133 <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21763> Acesso no dia 04 de abril de 2022.

DIAS, Agemir de Carvalho. **O Movimento Ecumênico no Brasil**

Contemporâneo: 1980-2000. Estudos Teológicos – programa de pós-graduação, v.54, n.1 (2004). Disponível no site: http://www.est.com.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/1485/1781 Acesso no dia 05 de Julho de 2022.

DIAS, Agemir de Carvalho. **Caminhos do Ecumenismo.** Faculdade Evangélica do Paraná – PR. Revista de história regional v.9, pag. 57-82. 2004. p.57. Disponível no site: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2203/1682> Acesso no dia 11 de Julho de 2022

GASSMANN, Gunther. **Futuro do Movimento Ecumênico com vistas ao ano 2000.** Estudos Teológicos. Programa de pós-graduação em Teologia. v.36, n.2. 1996. Disponível no site: http://www.est.com.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/819/748 Acesso no dia 05 de julho de 2022.

GOMES, Mônica Cordovil de Oliveira. **O Ecumenismo e a unidade da Igreja.** X Salão de pesquisas da Faculdade EST. São Leopoldo – RS. 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/37956316/O_ECUMENISMO_E_A_UNIDADE_DA_IGREJA Acesso no dia 18 de julho de 2022.

GOMES, M.S. das Costa. **Liberdade Religiosa: Algumas Questões.** Revistas.ucp.pt. 2003. Disponível no site: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/19256/1/V0330102-257-281.pdf> Acesso no dia 14 de Julho de 2022.

GOODALL, Norman. **El Movimiento Ecuménico: Qué es y para que trabaja?**, Buenos Aires: La Aurora, 1970, p.15.

JUNIOR, Arnaldo Érico Huff. **Responsabilidade Social e revolução no movimento ecumênico Brasileiro dos anos 50 a 60.** IV Congresso Internacional de Ética E Cidadania Filosofia e Cristianismo. Escola Superior de Teologia, programa de pós-graduação em Ciências da Religião. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo – SP, 2008, p.5. Disponível no site: https://www.academia.edu/1809771/Responsabilidade_social_e_revolu%C3%A7%C3%A3o_no_movimento_ecum%C3%AAnico_brasileiro_dos_anos_50_e_60 Acesso no dia 14 de Julho de 2022.

PANASIEWICZ. Roberlei. **Pluralismo religioso contemporâneo. Diálogo interreligioso na teologia de Claude Geffré/ PANASIEWICZ. Roberlei.** 2º ed. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2010. P.113.

PINHO. J.E.B. **Liberdade Religiosa e o Ecumenismo: Caminho Realizado e perspectivas para o Terceiro Milênio.** Revistas.ucp.pt. 1997. Disponível no site: <https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/1394/1324> Acesso no dia 14 de Julho de 2022.

RODRIGUEZ, Angel Manuel. **Adventistas e a Conversação Ecumênica: como os adventistas podem escolher se relacionar com os modelos existentes de**

ecumenismo. Ministry International Journal for Pastors. Silver Spring, Maryland, Estados Unidos. Dezembro, 2003. Disponível no site: <https://www.ministrymagazine.org/archive/2003/12/adventists-and-ecumenical-conversation.html> Acesso no dia 05 de Julho de 2022.

RAISER, Konrad. **O Conselho Mundial das Igrejas e os Novos Desafios Para o Movimento Ecumênico.** Estudos Teológicos. Programa de pós-graduação em Teologia. v.34, n.4. 1994. Disponível no site: http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/921 Acesso no dia 14 de Julho de 2022.

SOUZA, Solange Depieri de; ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Leitura das Relações Ecumências No Século XXI.** CESUMAR. Iniciação Científica. Julho-Dez, 2005, v.07, n.02. p.197209. disponível no site: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/iccesumar/article/view/1117/296> Acesso no dia 05 de Julho de 2022.

WOLF. Elias. **A Reconfiguração do Movimento ecumênico e a Busca de uma Teologia ecumênica na América Latina.** Bogotá. Colômbia. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. PUCR- Brasil. Theologica Xaveriana. v.70, ano 2020. p.20. Disponível no site: [https://revistas.javeriana.edu.co/files-articulos/TX/70%20\(2020\)/191062490010/teo191062490010_visor_jats.pdf](https://revistas.javeriana.edu.co/files-articulos/TX/70%20(2020)/191062490010/teo191062490010_visor_jats.pdf) Acesso no dia 07 de Julho de 2022.

WOLF. Elias. **Caminhos do Ecumenismo no Brasil.** São Paulo, SP, 2002, p.76.